Discurso de Posse³⁶

Adriano Espínola

As minhas primeiras palavras não poderiam deixar de expressar gratidão aos membros da Academia Carioca de Letras que me elegeram para a cadeira número 05. Agradeço também a todos que hoje me honram com a presença, meus familiares e irmãos, amigos e companheiros, alguns vindos de longe, em demonstração de afeto e solidariedade. Agradeço igualmente ao acadêmico Paulo Roberto Pereira, pelo chamamento e incentivo da primeira hora e apoio durante toda a campanha.

Confesso que resisti bravamente às suas investidas, para que me candidatasse à vaga do saudoso Emanuel de Moraes. Afirmava-lhe, em tom de blague, não poderia fazê-lo: faltar-me-ia legitimidade de nascença para empreender a viagem. Com efeito, sendo eu um pobre homem da Praia de Iracema, como diria Eça de Queirós, de que modo poderia chegar a uma academia de letras que ostenta o emblema ilustre de ser carioca, e que vem se tornando, a cada dia, uma das mais atuantes da cidade?...

Outros amigos, no entanto, alguns recém-eleitos, como Antônio Carlos Secchin, meu professor e orientador da tese de doutorado, na UFRJ, e Godofredo de Oliveira Neto, além de Cláudio Aguiar, Murilo Melo Filho e Domício Proença Filho, logo passaram a me estimular. Deste último, aliás, terei a honra de ouvir o discurso de recepção. E a quem particularmente agradeço, desde já, pela generosidade das palavras antevistas e por fazê-lo, ainda convalescente, em gesto de fraternal amizade.

Já nas primeiras vindas à ACL, a fim de assistir a palestras, deparei com alguns amigos de longa data. Nomeadamente a poetisa e tradutora Stella Leonardos, cujo livro, *Amanhecência* (1974), li, empolgado, nos meus vinte e poucos anos, em Fortaleza. Stella honrar-me-ia,

36 Na Academia Carioca de Letras, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 2011.

anos depois, ao escrever um poema, publicado no seu belo *Voz Ceará* (1997), sobre um livro meu, *Táxi*. Reencontrei aqui também Gilberto Mendonça Teles, ensaísta e poeta festejado, que foi meu professor, no curso de mestrado, na UFRJ.

Vi-me, assim, cercado de pessoas da mais alta admiração e estima. Não havia recuar. Durante a campanha, tive a sorte de pelejar junto à teatróloga Miriam Halfim, com quem tenho a alegria de dividir esta noite e a quem saúdo. Também contei com o apoio de Nélon de Melo e Sousa, grande intelectual e cavalheiresca figura, que logo passei a respeitar e a admirar, em encontros semanais na ACL e no tradicional Nova Capela, da Rua Riachuelo. Ali, ao seu lado e ao de outros companheiros e companheiras, no vaivém das ideias e pratos, no tilintar das taças de vinho e opiniões, saboreei magníficas porções de filosofia e cabrito assado, alimentei a mente e o corpo, experimentei, por fim, de sobremesa a doce *philos* grega, isto é, o sentimento de amizade entre os homens.

Agora, chego a esta Casa, ajudado por mãos amigas, é certo, mas também cercado de algumas sombras tutelares, a bem dizer – luminosas. Donde vêm “as presenças que destilam e chamam?”, indagaria o extraordinário poeta Jorge de Lima, que a esta Casa pertenceu, reinventando Orfeu. Vêm, ousa pensar, daquela região do tempo e do ser em que a palavra habita e retorna pelo mágico poder de evocação do outro. Vêm da história que nos integra a todos em uma mesma corrente da cultura e arte. Vêm da grande aventura humana do espírito, que se incorpora às obras valerosas, através das quais os autores vão da morte e do esquecimento se libertando, como assegurava o velho Camões. Vêm, enfim, do misterioso país da memória, inspirador da poesia e da criação artística.

Algumas dessas sombras luminosas, que realizaram, em épocas diversas e ao seu modo, a literatura do Ceará e do país, acompanham-me desde sempre, tais como a de José de Alencar, com os seus míticos verdes mares bravios, nos quais mergulhei menino e adolescente em manhãs ensolaradas; a de Antônio Sales, com as suas aves de arriba-

ção e a irreverência da Padaria Espiritual; a de Rachel de Queirós, com os seus sertões combustos e a valentia de Maria Moura; a de José Albano, que poeta foi "e do áspero destino"; a de Moreira Campos, com seus contos, nos quais ecoam as vozes do morto e as atribulações dos vivos, e a de José Alcides Pinto, exímio caçador de demônios.

Outras sombras, que destilam as suas presenças, eu as evoco e homenageio, neste momento, seguindo o rito e a cadência da tradição. A primeira delas é a de Frei Francisco do Monte Alverne, patrono da cadeira.

Nascido no Rio de Janeiro aos 09 de agosto de 1784, Francisco José de Carvalho, seu nome de batismo, foi criado em lar modesto – era o pai, João Antônio da Silveira, ourives. Levado por intenso sentimento religioso e vontade de aprender, aos 15 anos decide abraçar a vida monástica, ingressando no convento da Ordem Seráfica.

Em 1802, parte para São Paulo, a fim de aprofundar os estudos no colégio da mesma Ordem. Lá, progride rapidamente. Em 1810, torna-se pregador e professor substituto de filosofia. Em 1813, se vê eleito lente de filosofia, e três anos depois, lente de prima do mesmo colégio.

Retorna ao Rio de Janeiro, para aqui desenvolver todo o seu talento intelectual. Quer como professor de filosofia e retórica, no Seminário de São José, quer como orador sacro. Passa, então, a ter admiradores e discípulos em número crescente. Entre eles, Araújo Porto Alegre e o próprio imperador Dom Pedro II – que o convidaria a pregar na capela imperial, em 1854.

Tal foi a dedicação aos livros, em leituras fatigantes, que, em 1836, ocorre-lhe verdadeira tragédia: torna-se cego. Monte Alverne registraria, amargurado: "No fim de 1836 achavam-se terminados os meus estudos literários, e eu impossibilitado de empreender o mais insignificante trabalho. Não é dado a homem algum avaliar as agonias do meu coração nessa horrível peripécia da minha vida..." Concluiria, porém, resignado: "A vontade do Senhor seja feita."

A partir daí, mergulha, durante doze anos, na tristeza e no silêncio. Só retorna à palavra vibrante, ao ser aclamado "o primeiro e

o mais genuíno representante da filosofia no Brasil” pela Associação *Ensaio Filosófico*, em 10 de dezembro de 1848. Na oportunidade, pronuncia emocionada oração.

Instado pelo Imperador para rebater uma série de artigos críticos, publicados no *Diário do Rio de Janeiro*, por um tal de *Ig*, dirigidos ao poeta Gonçalves de Magalhães, autor de *A Confederação dos Tamboios*, Monte Alverne sai em defesa do protegido de Sua Majestade. Publica em 30 de outubro de 1856, no *Jornal do Comércio*, uma longa e minuciosa análise dos dez cantos do poema, tentando neutralizar os argumentos do Sr. *Ig*, que era, como se sabe, o pseudônimo de um atrevido cearense de Messejana, José de Alencar. O esforço de Monte Alverne, diga-se de passagem, foi baldo, pois a história mostraria que o autor de *Iracema* estava certo, ao afirmar que a musa de Magalhães era rigorosamente “pedestre”.

Dedicando-se à cultura da eloquência oratória, de base religiosa, Monte Alverne, em carta de 04 de dezembro de 1855, enviada ao poeta português, Antônio Feliciano de Castilho, fazia curiosa crítica ao romance, gênero surgido no bojo da Revolução Romântica e já prosperando entre nós, com sucesso. Asseverou-lhe que o romance simplesmente “substituiu as obras profundas do século XVIII, [e] estragou a literatura”.

Talvez com o intento de garantir a permanência da sua arte, ameaçada já pela narrativa romanesca, Monte Alverne tratou de reunir os melhores sermões, panegíricos, orações e discursos, em um total de 80 textos, publicando-os sob o título de *Obras oratórias*. Concluiu a escolha e a revisão das peças, no dia 02 de dezembro de 1853. Exatamente quatro anos depois morreria nesta cidade.

A segunda sombra que ora evoco é a do mineiro Honório de Sousa Silvestre, primeiro ocupante da cadeira. Foi também professor, mas pouco dado à oratória religiosa e à eloquência. Não buscou misticamente os céus, nem o ardor dos santos e das palavras. Voltou-se antes para o chão, ou melhor, para a terra, para a fisiografia dominante das regiões, os acidentes da natureza, o perfil das montanhas, o curso dos rios, o clima, etc.

Professor catedrático do Colégio Pedro II de Geografia, foi um dos responsáveis pela renovação dos estudos da matéria no país, na década de 1920, ao defender o estudo da divisão regional do Brasil, no lugar da sua divisão administrativa. Bateu-se por uma escola brasileira de Geografia, ao integrar a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Deixou-nos o livro *Notas à Fisiografia do Brasil* (1922), no qual descreve e analisa “as quatro grandes regiões que afetam diretamente à geografia física do nosso caro Brasil”.

Sucedeu-lhe na cadeira, Carlos Maul, nascido em Petrópolis, em 1877 e ali falecido, em 1974. Descendente de colonos alemães, educou-se em escolas públicas do Rio de Janeiro. Foi jornalista – redator de *A Imprensa*, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã*, além de colunista diário de *A Notícia* e *O Dia*, até os anos 1970 –; historiador, publicou, entre outros, *A glória escandalosa de Villa-Lobos*, *O Rio de Bela Época*, *Pequenas histórias do Rio antigo* e *A Marquesa dos Santos*; teatrólogo, autor de *Tábua de salvação* e *A última encarnação de Pierrô*; e poeta – estreou com *Estro*, em 1910, seguindo-se *Canto primaveril*, *O poeta conversa com a musa* e *A marcha do gigante*. Escreveu cerca de 60 livros, em diversos gêneros. É considerado, ainda hoje, o grande poeta da colonização alemã da cidade.

José Eduardo Pizarro Drummond substituiu-o na cadeira. Nasceu em São Paulo, no dia 30 de setembro de 1925 e faleceu no Rio, em 18 de outubro de 2007. Formado em Direito, exerceria numerosos cargos como advogado trabalhista, chegando a juiz. Publicou vários livros na sua especialidade, tais como: *Da decisão disciplinar e sua natureza jurídica*, *Burocracia e democracia* e *Dissertações e temas jurídicos*.

O ensaio literário e a poesia, entretanto, sempre o atraíram. Espécie de contraponto à tecnicidade das obras profissionais. Títulos como *Mistério e magia* e *Personagens e símbolos*, definem, por si sós, a natureza do fenômeno poético e ficcional. No primeiro deles, trata quase exclusivamente de poetas americanos e ingleses, em rápidos e certos comentários. Já no segundo, aparecem interpretações da obra de Balzac, Eça de Queirós, Monteiro Lobato e Mário de Andrade.

Chama a atenção para temas pouco explorados pela crítica do país, tais como o mar e a literatura, e mesmo a tuberculose e a poesia. Escreveria, ainda, sobre a convivência com algumas personalidades literárias da sua geração, no livro *Quadrante 45*.

Também advogado, também poeta, também ensaísta foi Emanuel de Moraes, que o sucedeu. Nascido no Rio de Janeiro a 02 de outubro de 1921, formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, em 1945. Três anos depois, ingressaria no jornalismo profissional, como cronista forense (pseudônimo de Othon Ribas) e, mais tarde, editorialista do *Diário Carioca*. Nesse jornal, começaria a exercitar a veia de ensaísta e crítico literário. Estreou em 1948, com "Poema de Ruth". Escreveria, ainda, os livros de poesia *Catedral de barro* e *Triângulo e fuga* e o romance *O homem do bigode verde*.

Entretanto, a sua verdadeira vocação de escritor revelar-se-ia no ensaio, como nos prova o vigoroso *Manuel Bandeira – análise e interpretação literária* (1962), livro ainda hoje considerado clássico sobre a poesia do escritor pernambucano. Poucos críticos, àquela altura, haviam se debruçado sobre ela com tal sensibilidade exegética e compreensão dos seus recursos formais, como o fez Emanuel de Moraes. Tanto que obteria o Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras, em 1963. Alceu Amoroso Lima, ao justificar a premiação, assinalou que se tratava do "mais completo estudo a que já foi até hoje submetida a obra de Manuel Bandeira".

Outros trabalhos críticos se seguiram sobre autores diversos, tais como "As várias faces de uma poesia" (Introdução à obra completa de Drummond; Aguilar, 1964), "O milagre Anchieta" (Revista Brasileira, 1966), "Casimiro de Abreu" (in: Coutinho, Afrânio. *A literatura no Brasil*, 1969).

Entretanto, seria com o livro *Drummond rima Itabira mundo* (1972) que consolidaria a carreira de ensaísta literário. Trabalho de fôlego, desenvolvido a partir da ideia de que Itabira teria sido a fonte mítica de quase todas as sensações e sentimentos do poeta, transformados em matéria lírica ao longo do tempo.

O ensaísta, todavia, não se restringiria a explorar os espaços semânticos descortinados por essa chave. Iria além, ou melhor, voltar-se-ia às próprias estruturas com que tais espaços foram construídos, ao analisar a composição rítmica dos versos, os tipos de estrofes, as rimas e as reincidências fonéticas e sintáticas da poesia de Drummond. Estudaria igualmente com profundidade o humor, a linguagem coloquial e a expressão lírica aí presentes, entre outros aspectos. Por tudo isso, pode-se bem avaliar a dimensão crítica, altamente valorativa, que emprestou à obra do poeta mineiro.

Outra contribuição notável sua voltou-se para o Direito. Professor da matéria, na Universidade Cândido Mendes, escreveria monumental obra, em cinco volumes, *A origem e as transformações do estado*. Sobre ele, assim se expressou Gilberto Mendonça Teles, em prefácio ao primeiro volume, em uma síntese perfeita do itinerário literário e perfil intelectual do amigo:

Raros, no Brasil, escritores com a capacidade intelectual e a erudição cultural de Emanuel de Moraes. Vindo de experiências poéticas e teatrais e encontrando na crítica literária a sua melhor e mais adequada expressão, a sua força criadora se desenvolveu no ensaio e se ampliou no sentido de uma visão crítica da cultura ocidental, com ênfase no que ela tem de mais autêntico, que é, no fundo, o desejo de uma organização política fundada na democracia.

Não satisfeito, Emanuel de Moraes lançaria, ainda, alentado trabalho, denominado *Brasil Sertão*, em 2008, no qual estudaria historicamente a formação dos sertões brasileiros. Foi seu último trabalho.

Senhoras e senhores.

No matolão deste emigrante da terra de Iracema – que à vossa presença chega –, misturam-se três a quatro livros de ensaio, voltados para poetas do nosso passado, notadamente Gregório de Matos e

Sousândrade, um livro de contos e prosa poética e oito, de poemas, quase todos feitos em meio ao trânsito urbano ou à beira do mar e do sol.

Agora, inspirado e amparado pelas sombras luminosas dos que me antecederam, e de outras que me acompanham – e aqui peço vênua para intimamente pronunciar o nome dos meus pais, Hildebrando e Dulce Maria, e do irmão, Rodolfo, que decerto aqui estariam... –, inspirado por elas, insisto, exponho meus escrevinhados sobre o nobre e acolhedor balcão desta Casa, para repetir com humildade as palavras do já citado Jorge de Lima: “Só tenho poesia para vos dar./ Abancai-vos, meus irmãos”.